



Director literario:

Acquedotto
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Colla
PAPUSSE

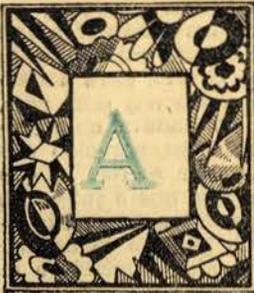
A ILHA DO OURO

CONTO INFANTIL POR

FRANCISCO CARAVACA

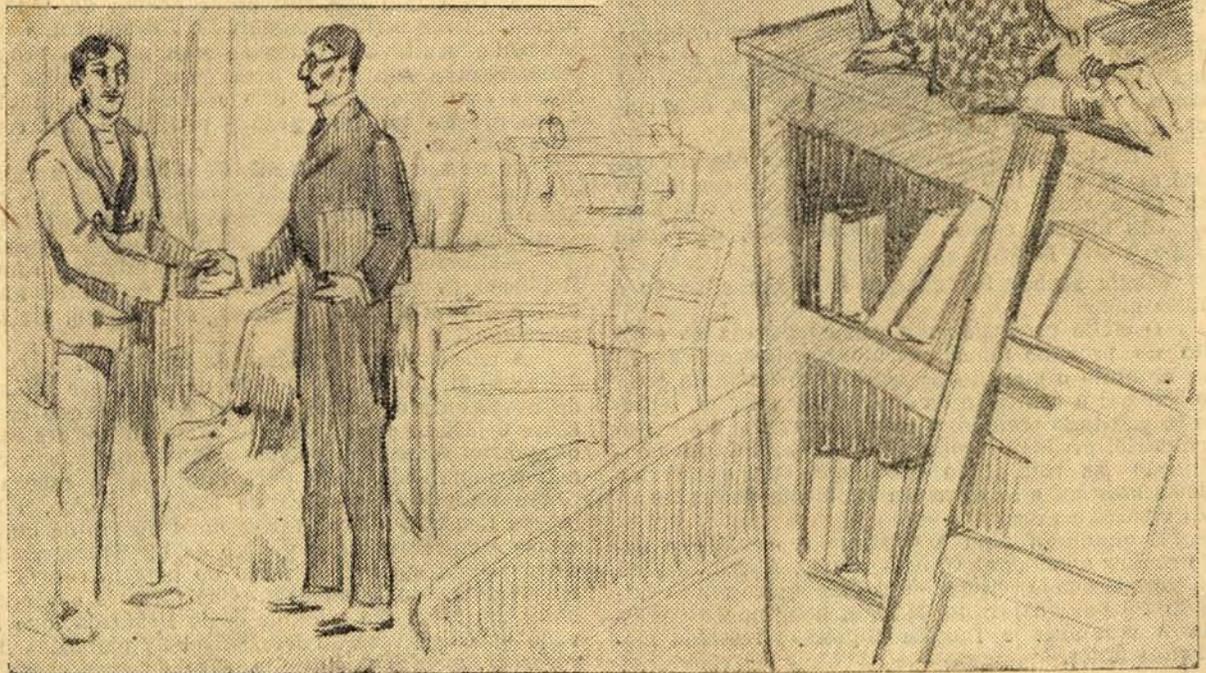
TRADUZIDO DO ESPANHOL E ILUSTRADO

POR EDUARDO MALTA



preocupação de Alfredo nasceu naquela manhã, em que um senhor alto e rígido, vestido de negro e com uma enorme pasta debaixo do braço, se apresentou em sua casa, solicitando falar com o seu pai. Os dois fecharam-se no escritório do pai de Alfredo na ocasião em que este se encontrava casualmente rebuscando na biblioteca um tomo das novelas do capitão Mayne Reid.

Era este o seu autor predileto, com os seus relatos de aventuras estupendas através de países fabulosos, que faziam as delicias do nosso pequeno leitor, um adorável rapaz, de olhos azuis e cabelo louro.



Quando o seu pai e o senhor que o acompanhava entraram no escritório, Alfredo esteve quase a ser surpreendido.

Teve só tempo para subir a uma das estantes da grande biblioteca e permanecer ali acorçado e em silêncio, com o livro na mão, e os olhos muito abertos...

O pai e o outro senhor, depois de se assentarem, falavam em voz alta, grave e pausadamente de ne-



gócios e a palavra *dinheiro* era pronunciada continuamente.

E foi então, quando Alfredo fez um doloroso descobrimento, que pôs na sua alma de criança uma triste sensação angustiosa. Do sitio alto em que estava e procurando não fazer movimentos, nem ruidos, Alfredo ouviu dizer a seu pai.

—Evidentemente, meu amigo, esse negocio que você me propõe, não pode ser mais excelente nem o seu exito mais seguro,... mas não posso aceita-lo. «As minhas coisas, vão muito mal, de algum tempo a esta parte.

«Cria senhor Sirval, que a minha situação é muito má...

O efeito produzido por estas palavras no espirito do pequeno foi extraordinario. Desconhecendo em absoluto o que são negocios e ao ouvir da boca do seu pai a confissão da sua proxima ruína, Alfredo julgou tudo perdido, e este pensar, por tão extraordinario, prendeu rapidamente na sua infantil imaginação as raizes tão profundas com que certas ideias crescem e se afirmam na mente destes meninos vivazes e precoces.

E quando findou a conversa e o pai e o outro senhor abandonaram o escritório, Alfredo desceu da estante aonde estivera escondido e com muito cuidado foi para o jardim. Na sua imaginação persistia a constante e funesta impressão recebida momentos antes.

A ideia da ruína, como o pequeno Alfredo a concebia através da sua fantastica imaginação de menino dado á leitura de livros de aventuras, aonde se contam feitos prodigiosos numa linguagem de exaltação e de misterio, era em resumo, cheia dos maiores horrores e de todas as calamidades humanas. E então, imaginava que o perigo que ameaçava o seu pai, era iminente; que chegaria um dia em que os três, seu pai, a sua mãe e ele, se veriam na maior miséria; e logo toda a nobre e desinteressada alma de Alfredo, se acostumava desde já á sua nova maneira de viver sem riquezas e luxos. E quando na sua alma pura já estava a divina semente da resignação, o seu espirito de herói, de homem que comanda outros, fez nascer a alegria de uma boa resolução. A resolução magistral, inquebrantavel e tenaz de salvar o seu pai. Os mgios de que Alfredo julgava dispôr eram muito pobres pois nem sabia aonde ir buscar o dinheiro que fazia falta a seu pai, e que seguramente seria uma grande fortuna, um enorme tesouro...

Mas sem ter nada ainda decidido, e ignorando por completo os meios de que havia de valer-se para desfazer o perigo que ameaçava a sua familia, Alfredo, com a sua tenacidade infantil—promessa de um caracter generoso e apaixonado,—formou a sua resolução energica e concreta.

Nada no mundo poderia fazer com que Alfredo desistisse do que havia pensado. Sem duvida tinha chegado o momento em que Alfredo, indiscutivelmente teria que fazer alguma coisa pelos seus. Sim! a salvação estava nas suas pequeninas mãos! E tinha só, 8 anos!!!...

II

Haviam acabado de jantar. E depois de se levantarem da mesa e logo que o pai se sentou na galeria que dava sobre o jardim para saborear a sua chicara de café naquela formosa noite estival, a mãe levou o pequeno Alfredo ao seu quarto, para deitar-se depois de ele ter beijado as mãos dos seus pais.

Há três dias já que Alfredo andava absolutamente serio, muito serio; havia desaparecido dos seus labios aquele seu encantador sorriso, e que preocupava seriamente os seus pais que o julgavam doente. Mas não. Alfredo estava são e forte. Embora o seu olhar parecesse velado por um tenue veu de tristeza, era só porque a sua alma sonhadora ia formando a pouco e pouco o seu projecto genial, que ainda não estava absolutamente resolvido.

E pensando que nos casos graves da vida é necessario ser serio e ponderado, Alfredo como um avaro, ocultava a todos os seus grandes propósitos. Nem a sua mãe,—para quem não tinha nenhuns segredos,—havia dito nada.—Não!... não!... —era preciso ter uma grande prudência, um completo silencio.

Já no seu quarto, depois de o haverem despedido e deitado na cama, quando a sua querida mãe lhe disse adeus e lhe beijou os seus dourados cabelos e se dispunha a cerrar a luz, Alfredo, sorrindo, pediu:

—Mãesinha... deixas-me ler uns minutos o meu Robinson, de que tanto gosto?... Não demorarei muito... e depois, quando quizeres, eu termino. Deixas mãesinha?!...

A mãe, sempre condescendente acedeu.

—Sim! mas só um quarto de hora...—e beijando novamente o seu filho abriu a janela que dava sobre o jardim embalado pela brisa da noite e saiu do quarto. Alfredo acomodou-se na sua pequena cama: poz uma almofada para descansar a cabeça e pegou na magnifica obra de Daniel de Foe, «Robinson Crusoe»; o livro talvez mais ameno de quantos se escreveram neste genero de literatura, verdadeiro poema epico ao esforço do homem contra as adversidades dos elementos.—Que formoso é vêr um herói um herói tão humilde como *Robinson*, que levado pela sua vocação irresistivel ás perigosas navegações, pela sua infinita sede de aventuras, se

lança aos embates do amor, ao perigo das selvas e das tribus antropofagas, e éle só, sem mais ajuda que o céu e o seu natural valor e engenho, triunfa da natureza!

Alfredo ia naquele saborosissimo capitulo em que *Robinson*, arrojado por o mar, depois do naufragio do barco em que navegava, a uma ilha deserta e aggressiva, teme ser devorado pelas feras, que éle supõe habitarem a ilha; e, na primeira noite se vê obrigado a dormir sobre a copa duma arvore.

E o rapaz, cerrando as palpebras que velavam os seus formosos olhos azuis, que corriam as linhas da pagina, saboreando com deleite os menores detalhes das aventuras do heroi da cidade de Iorch naquella ilha aonde mais tarde havia de ser rei e senhor. E já lentamente as palpebras de Alfredo se foram cerrando: o livro, o seu magnifico livro, dado pelo tio Frederico, foi escorregando dos seus dedos; reclinou a sua loira cabeça sobre as alvas almofadas, e Alfredo,—heroi-menino,—adormeceu...

III

Vista alerta, erguido o busto, ao vento os seus loiros cabelos, o capitão Alfredo Florrie encontra-se sobre a ponte de comando de um veloz bergantim, que audazmente fende as azuladas aguas com a afiada faca do seu *tamogor*, encimado por um pelicano maravilhosamente esculpido. O mar está bonançoso, e o navio desliza magestoso sobre a liquida superficie ligeiramente ondulada, levantando pequenos remoinhos de espuma. As velas, cheias pelo vento favoravel; a tripulação, uma pequena tripulação composta pelo capitão, contra-mestre, timoneiro e oito marujos, dormita sobre o convés, menos o timoneiro, velho barbudo que gosta muito de beber *Jamaica*, e que permanece junto ao cabestrante do govêrno. A' prôa, um marinheiro muito novo, italiano de nascimento, entoa canções ao compasso de um harmonium. De vez enquando o bergantim, pequena casca de noz no infinito oceano, cabeceia ao de leve, para seguir logo a direito e com brio. Do seu lugar de observação o capitão do navio, o pequeno e esforçado Alfredo Florrie, dilatadas as pupilas prescrutadoras sobre a linha imensa do horizonte como uma cinta violacea que se enegrece até se confundir com as altas nuvens cinzentas que cruzavam o firmamento, o capitão sonhava, sonhava... Recordava com emoção intensa o momento em que cautelosamente fugiu da casa paterna, para se lançar ao mundo das aventuras, com as quais havia de encontrar o ansiado tesouro. Pensava que naquêles momentos tudo seria dôr e consternação no seu lar, por sua culpa, ainda que o heroico da sua empreza,—por todos ignorada,—o ilibava de toda a responsabilidade. Sonhava tambem encontrar aquele escondido tesouro, origem e fim da sua audaz aventura, tesouro que não sabia ainda aonde o encontrar, se no fundo de uma caverna guardada por um feio monstro, ou se teria de lutar com homens até encontrar o primeiro filão de ouro.

No porto de Marselha havia fretado aquêlê navio, ligeiro como o vento, chamado *Pelikano*, nome que cativou logo o pequeno capitão Florrie. Ele mesmo foi recrutando pelas velhas tabernas de Marselha toda a sua tripulação, composta de homens vigorosos, velhos lobos do mar, que já tinham visto ao seu lado mil vezes a morte.

Além do rapaz italiano por quem o capitão sentia verdadeiro affecto, figurava tambem um negro corpulento chamado Pimgunguno.

Depois de equipar e abastecer o navio, uma manhã, o *Pelikano* abandonou o porto de Marselha, com rumo ao Oceano Pacifico, aonde o capitão Alfredo Florrie estava seguro de encontrar a ilha de Ouro sonhada pela sua imaginação de rapaz muito lido nas leituras de Salgari, Julio Verne, Mayne Reid e Wells. Não deixou de causar muito assombro entre os velhos marinheiros que formavam parte da tripulação, quando ao preguntarem que rumo deveria seguir o bergantim e a que porto do Pacifico se

encaminhava, o nosso pequeno capitão lhes respondeu:—Ao mar e pelo mar!!... depois verêmos...

Caiu a noite que estende o seu manto negro sobre o mar; que começa a enraivecer-se. O voltear do barco é mais forte e mais constante. No cimo dos mastros brilha uma macia luz verde, e o capitão presentindo a breve tormenta manda içar as velas, para que seguindo o bergantim a toda a velocidade, ofereça mais resistência aos embates rudes do mar.

O contra-mestre Tomny aproxima-se do capitão para dizer-lhe:

—Vamos têr um tremendo temporal, meu capitão... Temos que sêr valentes na defeza...

O capitão guardou silencio.

Logo o vento começou a soprar com grande furia em constantes assobios, que faziam tremer na sua base o mastro maior. O *Pelikano* começou aos arrancos e as ondas agoitavam com grande ruído e furia os seus costados.

Com a trombeta de dar ordens na bôca e fortemente agarrado a um cabo o capitão, pallido como um morto, ditava as suas ordens, que todos se apresavam a executar com a prontidão dum raio. O vento fazia estalar toda a armação do *Pelikano*, e as ondas vinham tão altas que varriam a coberta. Dois marujos foram arrastados por aquella tromba de agua, sem que pudessem salva-los.



A tripulação ficou reduzida a seis marinheiros, o contra-mestre, o timoneiro e o capitão.

De improviso, o negrume do céu se rompeu e um relampago de côr violácea vibrou no espaço, seguido de um enorme trovão. Então o mar, se revoltou furioso, e as ondas chegaram a saltar por cima da cabeça do velho timoneiro, que lançou um grito de raiva:

—Agora! parte-se o timão!...

E na verdade, a força do mar quebrou o timão e o barco perdido, já sem rumo, andava á mercê das ondas. A tempestade aumentava e toda a tripulação fazia desesperados esforços para se salvar e para salvar o barco.

O *Pelikano* estava condenado á morte.

Naquelle momento e na completa escuridão que havia, Jacopo, o marinheiro italiano, subiu a escotilha e gritou com toda a força dos seus pulmões:

—O barco mete agua!!

E assim era. O barco por uma brecha metia agua que começava a invadir tudo a pouco e pouco. Esta noticia horrorosa encheu de espanto todos os tripulantes.



Então, o capitão gritou:
—A's lanchas!... A's lanchas!!...
E imediatamente todos se lançaram às lanchas, desesperadamente.

O ultimo a descer foi o capitão que deitou ao barco um supremo e saudoso olhar.

A ultima lancha foi ocupada pelo capitão, o negro Pimgunguno e por Jacopo. Momentos depois o *Pelikano* afundava-se definitivamente.

IV

—Terra!... Terra!...—foi o grito que lançou Pimgunguno.

Levavam já dois dias navegando naquela fragil embarcação, depois do triste naufragio do *Pelikano*. Dois dias em que sofreram todos os horrores da fome e da sede. Na noite do naufragio a lancha que levava o capitão, a Jacopo e ao senegalês lutou desesperadamente entre as trevas e contra as furias loucas do Oceano. Ao amanhecer, quando apareceu o disco avermelhado do sol o mar acalmou-se por completo; mas logo os ameaçava um novo perigo, o perigo terrível dos tubarões. Os enormes cetáceos de três metros de comprimento, de grossos lombos reluzentes e enormes fauces acumuladas de afilados dentes, punham as feias cabeças fora da agua e davam com a cauda grandes encontrões á pequena embarcação, que esteve quasi a naufragar.

Imaginem os meninos, o regosijo dos naufragos quando a voz quente e selvagem do preto Pimgunguno gritou vibrante com um frecha cortando o ar:

—Terra!... Terra!...—E na verdade, ao longe via-se a custo uma sombra tenue de montes esverdeados que era terra, a divina terra da promissão.

O primeiro a saltar em terra foi Pimgunguno, pois o capitão Florrie estava desmaiado no fundo da lancha.

E quando conseguiram com uma forte corda, amarrar o barco á arvore que ficava mais proxima da praia, foram buscar o capitão para terra. Estavam salvos!

Quando, meia hora depois, o pequeno Alfredo recuperava os sentidos viu-se sentado sobre uma rocha alta sobre o mar; ao seu lado estava Jacopo, quasi sem forças para se mover.

Pimgunguno tinha desaparecido.

—E Pimgunguno, morreu? — perguntou Alfredo Florrie.

—Não meu capitão... Pimgunguno foi explorar a ilha em busca de alimentos...—respondeu Jacopo.

Passados uns minutos apareceu o preto correndo afanosamente; nas mãos trazia dois grandes côcos.

—Agua!...—exclamou Pimgunguno, com grande alegria, mostrando os seus grandes e fortes dentes brancos.

Ao chegar á rocha partiu os côcos de encontro a ela e ofereceu aqueles vasos primitivos ás sedentas bocas dos companheiros... bebendo Pimgunguno no fim, podendo ser êle o primeiro.

Recuperadas as forças os naufragos procuraram orientar-se naquela ilha desconhecida e misteriosa. Com êste fim, Pimgunguno pegou no seu machado, unica arma de ataque e defeza que trazia, e fez uma excursão até ao centro da ilha. Duas horas mais tarde regressava e apresentando uma grande cabra selvagem que conseguira surpreender na floresta e á qual partira a cabeça dum golpe, disse:

—A ilha parece estar desabitada, pois não vi signais de gente nem de casas. A ilha é pequena; eu cheguei ao outro lado.

«De animais só vi cabras como esta, muitas serpentes, algumas delas enormes, e tambem muitos e divertidos, macacos que me atiravam frutos de cima das arvores. Já vê o meu capitão que fome nem sede não passamos aqui, graças a Deus!—ex-

clamou alegremente o nosso simpático Pimgunguno.

Então Jacopo, disse:—Eu não sou capaz de comer carne crua!

—Demonio! tem razão, não temos lume!—disse o preto

O capitão olhou os companheiros com um certo ar superior e disse pausadamente:

—Se tivermos sol, temos lume! Pimgunguno, vai tu em busca de lenha e de folhas secas, e tu, Jacopo, parte em pedaços a carne dessa cabra, que vamos assar em seguida. E tirando do bolso uma pequena lente e levantando-a ao ar vitoriosamente, disse:

—Com este pequeno objecto, teremos fogo toda a vida!

V

Certo dia...

Há já mais de quatro anos que habitavam aquela ilha, os três naufragos, que passavam horas esquecidas sem dizerem palavra uns aos outros... Mas naquela manhã Pimgunguno, que fora como sempre á sua acostumada peregrinação ao interior da ilha, teve mais sorte.

Apareceu aos dois companheiros, de dentro da floresta, correndo e gritando entusiasmado:

—Capitão!... Capitão! Ouro!! Ouro!!...

«Há ouro na ilha!!!...»

Um grito de alegria saiu dos labios de Alfredo, grito que foi prontamente sufocado ao pensar que dali não poderiam sair facilmente.

—Por fim!... — disse. Os meus presentimentos não me enganaram!...

Pimgunguno trazia na mão uma barrasinha irregular como um torrão de terra e pedra, e contou como naquela manhã, perseguindo um gato montês, se havia metido no coração da ilha até chegar a um

vale, rematado por uma colina, a qual estava cheia de serpentes. Foi então, quando perseguido de perto pelos reptis, que o negro descobriu o ouro entre a terra amarelada.

Este relato causou funda impressão no espirito dos outros dois naufragos. Alfredo recordava com emoção a finalidade da sua empresa, que não era outra que esta de achar o cubicado tesouro que salvaria seu pai da ruina.

Sem embargo, formaram um plano de obras, para tirar á terra as suas grandes riquezas. Quem sabe se algum dia Deus, amerciando-se deles, os salvaria!

Desde o principio a empresa era perigosa, por causa do grande numero de cobras que guardavam o vale e a colina do ouro.

Pimgunguno propoz:—Deitaremos fogo ao bosque e assim as serpentes, morrerão...

A ideia foi logo acolhida com entusiasmo e, naquela mesma tarde os intrépidos moradores da Ilha de Ouro encaminharam-se para o perigoso lugar, das cobras, e armados só com o machado e com uns archotes acedos deitaram fogo ao bosque...

O incendio foi épico e durou mais de uma semana. As chamas subiam quasi até ao céu.

Por fortuna, os naufragos viviam no extremo oposto da ilha, separados por uma grande planicie sem vegetação, e por isso, o fogo não poudo chegar até eles.

Um mês depois, quando já estavam frias as cinzas do grande incendio, os três exploradores, emprenderam novamente a marcha até á colina do ouro. As serpentes haviam desaparecido.

(Segue na pagina 7)





(Continuação do número anterior)

Depois a princesa fê-lo recitar.

E eram tão lindos e bem feitos os versos que êle improvisou, que a própria princesa bateu as palmas e se declarou vencida.

Mas nesse momento surgiram mil págens louros, trazendo em bandejas de ouro lavrado, pérolas, rubis, diamantes, madreperola e emfim todas as pedras preciosas com enorme quantidade.

Os reis abriram-lhe logo os braços, radiantes de alegria e logo trataram de combinar os esponsais.

Casaram-se pois, no meio de muitas festas, mas partiram logo para o reino dêle.

Apesar dos maus modos de Graciosa partiram na mesma noute, e o príncipe Vingador, que assim se chamava êle, obrigou-a a vestir-se só com um vestido de grossa estôpa e com um manto de pele de cabra, em vez dos ricos trajos que trazia.

Fartaram-se de andar, de andar.

Ao chegarem a uma linda cidade, onde êle tinha o seu palácio, obrigou-a a ir ajudar uma velha, a única criada que naquele havia imenso casarão magnificamente mobiliado, e a fazer o jantar que era só pão duro, água salobra e batatas com bacalhau.

E todos os dias que se seguiram, tinha a linda princesa de arranjar o seu quarto, e ainda limpár o pó dos móveis.

A' noitinha, como se não lhe sobrasse com que se entreter, fazia-a ir cavar os cauteiros do jardim e regar as flores, que tanto maltratara outrora, e assim se passavam os dias, sem uma única alegria nem descanso.

Quando chegava a hora de dormir, em lugar de se ir deitar tinha de o entreter a contar-lhe histórias para o adormecer tal qual como ela costumava fazer antes de casada, ás suas aias — e dormia no chão sobre um espesso tapêtes apenas coberta com um cobertor esburacado.

Graciosa chorava a bom chorar e de vez em quando chamava em seu auxílio a fada Azul, mas está pouco a podia ajudar prohibida pela fada dos Amores que exercia sem dó nem piedade a sua vingança.

O príncipe era mau quando estava acordado, mas enquanto dormia, sorria-se e dizia cousas tão ternas e repetia tantas vezes o nome de Graciosa que ela ia cada vez querendo-lhe menos mal.

Numa noite em que êle dormia a sono solto e sonhava com Graciosa, esta levantou-se devagarinho e veio pé ante pé, a escuta-lo.

Passado algum tempo, ela afastou com disvêlo os cabelos encunados de Vingador e beijando-o na testa murmurou:

— E' pena seres tão máu, porque te amo. Mas farás

tudo de mim o que quizeres... para isso és o meu Rei, e o meu Senhor?

Nêsse instante Vingador abriu os olhos e enlaçando-a nos seus braços abraçou-a contra o coração, enquanto pela janela aberta de par em par entrava um carro de luar, cercado de nuvens prateadas, e nêle sentada a fada Azul, de longas tranças envoltas em fios de pérolas, caindo-lhe até à fimbria do vestido.

Logo a seguir, a risonha fada dos Amores, num carro de diamantes, puxado por um alegre rancho de amorzinhos, cujas azas batiam festivamente.

E então ambas as fadas que eram irmãs, tocando-lhes com as varinhas de condão, transformaram os pobres vestidos de Graciosa, em suntuosas sêdas, recamadas de ouro e pedrarias.

Dois amores lhe depuzeram nos louros cabelos uma engraçada corôa de ouro fino e nas suas mãosinhas brancas e outra vez mimosas, um ceptro de ambar e ametistas. Assim coroaram a beleza e o amor, que despontando no coração da cruel Graciosa, lhe transformara em qualidades os antigos defeitos.

E se é certo que «Nunca faças mal à conta de te vir bem» também é que: «Não há arrependimento que não mereça recompensa».

■ F I M ■

Meus meninos:

Tenho o gosto de lhes apresentar hoje um novo historiador de contos para vos entreter e por essa razão, mais um amiguinho vosso.

Este novo escritor para vós desconhecido, é hoje em terras distantes e belas um dos mais valorosos talentos da geração moderna. O seu nome Caravaca, que os meninos devem gravar na memória. Tem algo de estranho, em terras portuguesas, pois como quâsi vos disse já, é nome de estrangeiro, mas irmão de sangue... E' espanhol e de Madrid.

O vosso

EDUARDO MALTA

HORA DO RECREIO

Para fazer um rapa

COM madeira macia faz-se uma varinha em esquadria do tamanho da gravura.

Riscam-se em seguida os pontos por onde deve ser cortada, tendo o cuidado de cortar sempre igual porção de todas as esquinas.

Depois disto feito, com um pedaço de vidro raspam-se as quatro faces, em cada uma das quais se escreve uma letra — R, T, D, P, — que quer dizer Rapa, Tira, Deixa, Põe.

Regra do Jogo

1.º — Ao começar o jogo, todos os parceiros, em qualquer número, pagam o que fôr determinado.

2.º — Fazem rodar o rapa por ordem.

Rapa — Tira tudo o que esteja



na mesa, tornando a pagar como ao começo.

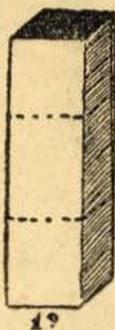
Tira — Tira só um.

Deixa — Não tira nem põe.

Põe — Põe um.

Como vêem até os mais pequeninos podem jogar.

No próximo número — Uma paciência.



1º



2º



3º

T I O T U N I O

A ILHA DO OURO

(Continuação da página 5)

VI

Uma manhã Pingumguno, que segundo o seu costume havia subido até ao ponto mais alto da ilha, regressou louco de contente, gritando:

— Estamos salvos!!... Um barco!!—

E possuídos de tremores nervosos, cheios de ansiedade, temerosos de que o negro se houvesse enganado, os naufragos treparam ao monte mais alto, e, na verdade, a pouca distancia, uma fragata avançava rapidamente.

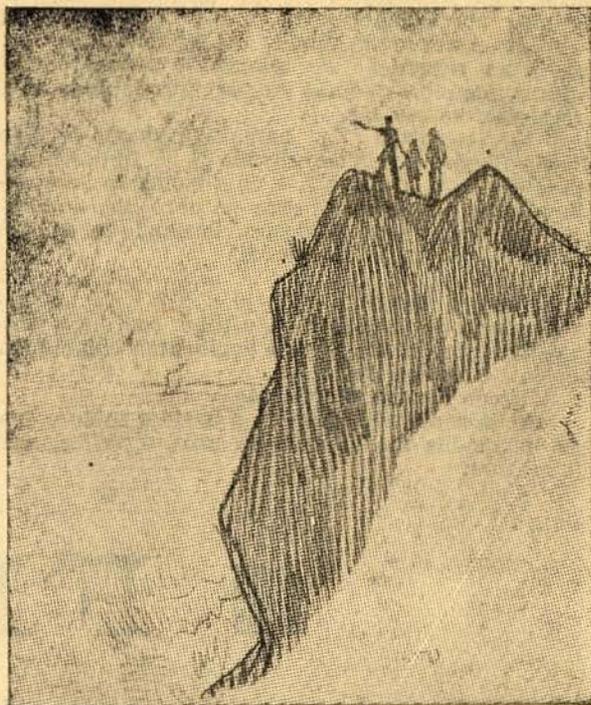
A providencia quiz que os tripulantes do barco vissem os sinais que lhes faziam os três naufragos, e, meia hora depois, uma lancha, na qual vinha o patrão da fragata, chegou á ilha.

Rapidamente contaram ao capitão Van Gobeck, patrão da fragata holandêsa Rotterdam toda a sua historia, dizendo-lhe tambem que na ilha havia um grande tesouro. O patrão Van que era um homem honrado mandou embarcar, debaixo da sua vigilancia, todo o ouro acumulado por os naufragos nos seus anos de vida presos na Ilha de Ouro.

Van Gobeck estava maravilhado.

—Mas isto é uma fortuna fabulosa!

«Regressaremos já á Holanda, e na proxima viagem vamos explorar a mina totalmente. Forma-





rêmos uma sociedade... E' um magnifico negocio! Algumas horas mais tarde, todos embarcavam ao porto de Amsterdam, aonde o Capitão Florrie fez uma justa repartição do tesouro, e acompanhado de Pingunguno, —que não quiz separar-se mais d'ele, —regressou ao seu lar.

No camarote do barco, o pequeno capitão Alfredo Florrie sentia-se gosando já o fim bem sucedido das suas aventuras, e num momento de absoluta alegria pegou uma barra de ouro que ao contacto dos seus dedos se desfez, tornando-se em pó. Aquela barra não pesava nada!!

—Vamos Alfredo!... Que já são 9 horas!...—dizia a mãe junto ao leito do seu filho, com uma bandeja na mão, sobre a qual havia uma chicara de chocolate e varios biscoitos...

Alfredo fez um movimento.

Ainda sonhando levantou o busto e então a sua mãe, pondo-lhe um biscoito na mão, disse-lhe carinhosamente:

—Vamos Alfredo... não sejas dorminhoco e toma o chocolate!...

Foi então quando o pequeno, despertando bruscamente, exclamou desfazendo o biscoito entre os pequenos dedos:

—Que pouco pesa esta barra de ouro!...—

Uma gargalhada da mãe fez volver á realidade a simpatico Alfredo:

—Oh!... que pena!... foi tudo a sonhar!!!...—

E então contou á sua querida mãe as façanhas que nós contamos da maneira como Alfredo a via em sonhos.

A mãe sorriu cheia de alegria e beijando o seu louro filhinho disse-lhe:—Foi um engano, meu amor... O teu bom pai não está arruinado. Os homens de negocios dizem quando algum negocio não lhes convém, que não tem dinheiro... Mas pelo bem que pensaste, pelo bom coração que tens, meu querido filho, Deus te faça feliz!...

Madrid — MCMXXVIII

■ FIM ■